

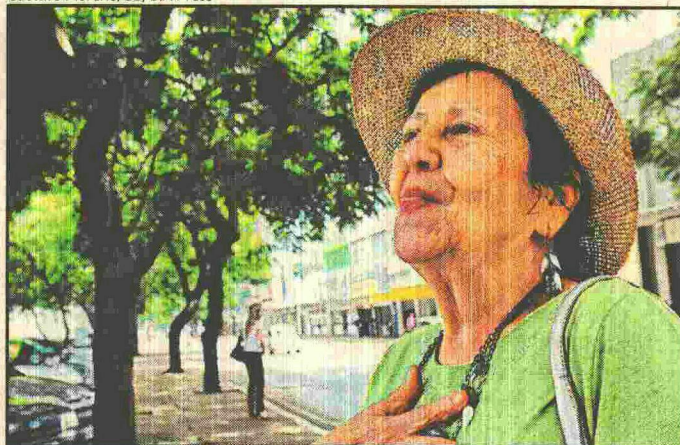
Árvores da W3 ajudam a compor a beleza de uma via hoje desvalorizada, mas o fato de a maioria delas ter vindo de regiões fora do cerrado tem preço alto: crescimento desordenado e muitas quedas

Gustavo Moreno/CB/D.A Press



Em alguns locais, as raízes se desenvolvem de maneira irregular e acabam rompendo o asfalto, o que prejudica os já escassos estacionamentos da via

Gustavo Moreno/CB/D.A Press



Doralia Galesso: "Se os galhos grandes fossem podados com frequência, não haveria necessidade de sacrificar algumas árvores"

Frondosas e problemáticas

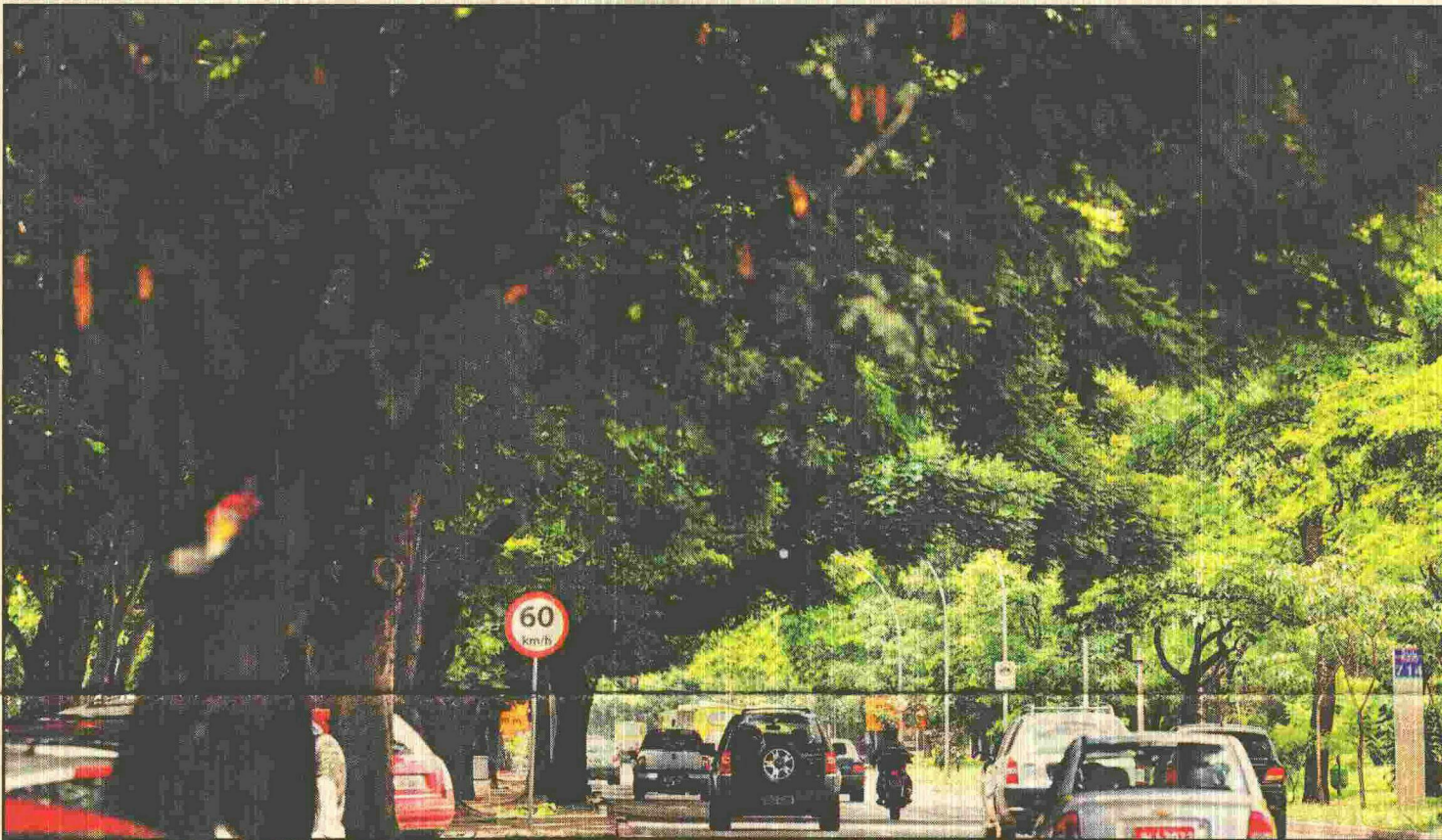
» DANIEL BRITO

O conceito de cidade-parque idealizado por Lucio Costa para o plano urbanístico de Brasília, quando bem executado, deixa a cidade com um agradável ar bucólico e agrega qualidade de vida aos moradores. Mas o mínimo descuido pode dar às largas avenidas um jeitão de abandono. É o caso da W3. Tida como nobre três décadas atrás, a via sofre hoje com a desvalorização dos imóveis e, também, com a força da natureza que faz as árvores se tornarem obstáculos para motoristas e pedestres.

A avenida de 12 quilômetros de extensão é permeada por vegetação na margem oeste, no canteiro central e, dependendo do lugar, no lado leste, principalmente nas entrequadras. Curiosamente, espécies extraídas da Mata Atlântica e não do cerrado foram escolhidas para emoldurar o asfalto. A justificativa da Novacap, órgão responsável pela arborização da capital, é que elas ofereceriam maior sombra e diversidade.

Ao mesmo tempo em que dão sombra, essas mesmas espécies crescem de forma desordenada, tanto para cima quanto para os lados. A copa de várias delas tampa a visão do motorista próximo a semáforos e impede que a luz dos postes chegue até o solo, concentrando-se em um local que não precisa ser iluminado — a própria copa. Isso sem contar os reguladores de velocidade: eles parecem ter sido estrategi-

Gustavo Moreno/CB/D.A Press



O visual é de uma alameda, com as copas se fechando e formando um belo túnel verde sobre a avenida — mas os inconvenientes já aparecem

Riscos relacionados

Nas décadas de 1970 e 1980, a Novacap plantou mudas de cambuí, sibipiruna, guapuruvu e espatódea. Esta última é conhecida em Brasília como "xixi de macaco", porque no botão há bisnaguinhas que contêm água. Seu plantio não é recomendado para centros urbanos, porque as raízes são pouco profundas.

camente posicionados atrás de plantas mais volumosas, como uma armadilha para o motorista mais apressadinho.

Carlos Gomes, conhecido como Toninho Chaveiro, trabalha há 20 anos na calçada da Entrequadra 708/709 Norte e diz já ter visto de tudo no cruzamento em frente ao seu quiosque. "Um dia vou trazer uma filmadora de casa só para mostrar os absurdos que ocorrem nesta pista", promete.

Coincidentemente, em frente ao local de trabalho de Toninho, um galho de árvore impede que o semáforo seja perfeitamente visualizado pelos motoristas.

Pior ainda quando chove forte, como recentemente. As espécies mais antigas sucumbem às rajadas de vento e desabam, impedindo a circulação de veículos e de pessoas, como ocorreu no começo da semana, na altura da 705 Sul. Um exemplar da es-

pécie cambuí caiu caprichosamente na passagem das quadras 700 para as 500, e somente no início da noite o trânsito foi liberado. Na terça-feira, ela foi cortada em pedaços para facilitar a limpeza da calçada.

Moradora de Brasília desde janeiro de 1960, a gaúcha Doralia Galesso, de 85 anos, é ecologista e pede melhor conservação na W3. "Se os galhos grandes fossem podados com frequência,

não haveria necessidade de sacrificar algumas árvores", diz. Opinião idêntica à do bancário Rogério Araújo, morador da 713 Sul. "O que poderia ser feito é analisar qual planta está comprometida e retirá-la, para não cair na rua. Para as demais, seria necessário só a poda mesmo", avalia.

Euchroma

Dois fatores tornam as plantas frágeis. O primeiro é bem simples: como são nativas da Mata Atlântica, as espécies que margeiam a W3 têm dificuldade para fixar raízes de forma profunda no solo coberto pelo asfalto. Outro motivo é um inseto conhecido como euchroma, que ataca as espécies maguba, provenientes do cerrado. Esses bichinhos comprometem a saúde da árvore e as quedas ocorrem principalmente no período das chuvas.

De acordo com a Novacap, mais de duas mil árvores já foram sacrificadas, inclusive na W3. "Sobraram poucas magubas na via", diz Rômulo Ervilha, chefe do Departamento de Parques e Jardinagem da Novacap. Ele garante que as espécies da avenida foram podadas duas vezes neste ano e que esse serviço tem que ser feito de forma calculada. "Não podemos tirar todos os galhos das árvores, porque assim elas ficariam descaracterizadas. Se fosse para cortar tudo, a cidade ficaria cheia de palmeiras, mas sem sombra para a comunidade", explicou.